

Historiador do imediato

Historian of the immediate

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 170 p.

Jorge Lucas Simões Minella

jorgeminella@gmail.com

Mestrando

Universidade Federal de Santa Catarina

Rua Professora Maria do Patrocínio Coelho, 413

88040-230 – Florianópolis – SC

Brasil

Palavras-chave

Guerra; Marc Bloch; História das mentalidades.

Keywords

War; Marc Bloch; History of mentalities.

255

Enviado em: 16/2/2012

Aprovado em: 16/4/2012

18 de junho de 1940, Rennes, França. Um oficial do 4º Bureau do estado-maior do desbaratado exército francês sai de seu gabinete e dirige-se para o centro da cidade em busca de seu assistente, para que este arrume as malas para a retirada da cidade devido aos boatos sobre a iminente chegada dos alemães. Por volta das onze horas daquela manhã, retornando ao seu escritório, o oficial avista uma coluna inimiga desfilando por uma das principais avenidas da cidade. Rennes havia caído sem luta; os militares que restavam depunham as armas e eram presos. O perplexo oficial, testemunha da velocidade acachapante do “boato da chegada iminente” dos alemães, era Marc Bloch.

O historiador enfrentava a sua segunda guerra. Fora soldado da infantaria na Primeira Guerra Mundial, sobrevivendo às trincheiras e terminando com o posto de capitão. Foi no período entre guerras que fundou, com Lucien Febvre, a revista *Annales d'histoire économique et social*, que modificou profundamente o modo como se fazia história nos anos subsequentes. A Segunda Guerra o encontrou quando ele já poderia ser dispensado das obrigações militares; ainda assim serviu como oficial no corpo do estado-maior. Em *A estranha derrota* o historiador nos conta sua experiência na grande tragédia da queda da França, consumada em seis semanas, e faz uma reflexão, ainda no calor dos acontecimentos, sobre como e porque essa derrota ocorreu.

O livro foi redigido entre julho e setembro de 1940; o manuscrito, escondido, sobreviveu à ocupação alemã. A primeira edição francesa data de 1946, mas foi somente em 1990 que o livro passou a ser difundido e reconhecido em maior escala. A edição aqui resenhada é a primeira tradução para o português, e constam como anexos o testamento que Bloch escreveu em março de 1941, consciente dos perigos que a ocupação alemã representava para sua própria vida, e os elogios militares em sua folha de serviço nas duas guerras. A capa do livro traz interessante foto de uma rua em alguma cidade francesa: sob a suástica desfraldada no terceiro andar de um edifício onde funcionava um restaurante, cujo letreiro, em alemão, diz que o local é exclusivo para membros da *Wehrmacht*, franceses caminham em aparente tranquilidade, ou apatia.

Inicialmente Bloch relata a sua posição no exército durante anos de 1939 e 1940, procurando explicar qual era o seu ponto de vista ao observar os acontecimentos da guerra; não era ligado diretamente aos generais que determinavam a estratégia, mas conhecia bem o dia a dia de mais um das dezenas de escritórios do estado-maior. Em 1939 ocupava o posto de oficial de ligação com as forças britânicas, o que lhe permitiu dar um apurado testemunho da grande dificuldade de comunicação entre os britânicos e os franceses. Quando a guerra eclodiu, ocupava outro cargo, no chamado 4º Bureau, responsável pela distribuição de combustíveis; tarefa que era fundamental para o funcionamento de um exército motorizado.

Logo se envolveu com o tédio da administração burocrática do escritório de combustíveis, procurando, aqui e ali, obter melhores condições de uso e mapeamento dos depósitos de combustível da fronteira norte e, especialmente, dos localizados no território belga, onde, esperava-se, seria travada a guerra contra a Alemanha. Bloch relata, então, sua trajetória pessoal a partir do dia 10

de maio de 1940, quando teve início a invasão da França. O ataque os pegou de surpresa, e a velocidade do avanço inimigo foi ainda mais surpreendente. Bloch, oficial da retaguarda, não presenciou os combates, mas nos conta os incessantes recuos de seu Bureau, inicialmente estabelecido em Bohain; em 10 dias o seu posto de comando havia mudado de cidade quatro vezes, sempre recuando menos de cinquenta quilômetros para o interior da França. Era realizado todo o trabalho de mudança e de restabelecimento, para, no dia seguinte, repetir tudo novamente, tornando bastante ineficiente a tarefa de administrar os depósitos de combustíveis.

No dia 26 de maio, apenas duas semanas após o início da invasão, esteve em seu último posto de comando, nos arredores de Lille, onde havia importante depósito. No dia seguinte, com a chegada iminente do inimigo, os tanques de combustíveis foram queimados, e a retirada para o litoral teve início, criando um caos de soldados marchando apressadamente, e quilômetros de engarrafamentos de caminhões do exército nas estradas enlameadas que levavam ao norte do país.

Em 31 de maio, após a retirada de todos os ingleses de Dunquerque, os remanescentes do exército francês começaram a ser evacuados. Bloch foi um deles. Desembarcou na Inglaterra, foi de trem até Plymouth, de onde embarcou para Cherbourg, novamente na França, e então para Caen, onde as forças francesas pretendiam se reorganizar. O 4º Bureau onde servia, por sua vez, foi restabelecido em Rennes apenas no dia 16 de junho. Dois dias depois os alemães chegaram. Ele escapou de ser preso pelo exército inimigo quando avistou a coluna no dia 18 porque teve a presença de espírito de vestir-se como civil e registrar-se em um hotel com seu nome e profissão verdadeiros. Não procurariam prender um inocente professor de história, concluiu.

Com essa trajetória, que nosso historiador descreve em detalhes, ele pôde "observar, no cotidiano, os métodos e os homens" do exército francês e, principalmente, de seu estado-maior (BLOCH 2011, p. 31).

No dia 22 de junho foi assinado o armistício. Em apenas 43 dias uma potência europeia havia sido totalmente derrotada. "De quem era a culpa?", perguntavam-se os franceses. O propósito de Bloch com este livro é responder à desconfortável questão sobre as causas desta estranha derrota. Mais ainda, respondê-la no calor dos acontecimentos, do ponto de vista de um vencido. Ele é, ao mesmo tempo, um "historiador do imediato" (BLOCH 2011, p. 8) e um cidadão francês preocupado com seu próprio tempo e com o destino da pátria cujo passado ele havia adotado (BLOCH 2011, p. 14).

O testemunho de Bloch nos diz que era praticamente consenso entre os franceses que a derrota ocorrera de modo tão contundente por culpa de uma incapacidade de comando. Isso, continua, pode ser dito como a causa direta do ocorrido, mas "exigirá ela mesma uma explicação" (BLOCH 2011, p. 32). Inicia-se uma busca por causas profundas. Em certo sentido, Bloch se coloca como um antropólogo do meio militar no qual estava inserido; o comando, então, não pode ser considerado como uma entidade abstrata, se não um grupo humano que cometeu uma série de erros. Ainda assim, enumerar essa

série de erros como as causas da derrota é insuficiente; é preciso explicar porque esses erros aconteceram e, talvez de modo ainda mais significativo, porque os erros foram insistentes. Mesmo os acontecimentos ainda crus, dos quais trata Bloch em seu testemunho, não escapam ao seu modo de trabalho como historiador. Ao contrário, a manutenção deste modo de trabalho revela o poder explicativo de uma história baseada em causas profundas (ainda que a categoria de causa tenha saído de moda em tempos recentes), que desemboca em uma análise da mentalidade do comando militar francês, e, então, dos próprios franceses, pois Bloch parece sugerir que a derrota não foi apenas dos exércitos do país, mas da França como um todo.

Uma das constatações fundamentais do historiador no livro aponta que “nossos chefes, ou os que agiam em seu nome, não souberam pensar a guerra. Em outros termos, o triunfo dos alemães foi essencialmente uma vitória intelectual e talvez esse seja o motivo mais grave” (BLOCH 2011, p. 41). Ele nos traz uma série de exemplos vividos ou observados durante sua experiência na guerra, tais como as ordens de recuo para distâncias sempre insuficientes dadas ao Bureau em que servia. Este caso exemplifica um dos erros capitais do pensamento do comando francês naquela circunstância: a noção de distância havia mudado radicalmente e o comando não havia percebido este fato. “Os alemães tinham simplesmente avançado muito mais rápido do que previa a boa regra” (BLOCH 2011, p. 43), surpreendendo os franceses. Mais do que isso, até a derrota final, a nova velocidade da guerra não foi entendida; as práticas lentas e burocráticas continuaram incólumes durante a queda. Em uma passagem que sintetiza o livro, Bloch diz que

no local que a sorte lhes [os oficiais] destinou, seu ritmo cotidiano prolongava a cadência dos tempos de paz e a atmosfera mental tinha um odor poeirento de gabinete ou de distrito. Todos estavam convencidos, sobretudo, de que não estavam no front. Mas o inimigo rompeu o contrato (BLOCH 2011, p. 101).

Um dos aspectos que está relacionado com a não compreensão da velocidade é a forte burocratização da cadeia de comando do exército, que dificultava muito a execução de tarefas e ordens que precisavam ocorrer de imediato. A burocratização, diz Bloch, pode ter sido fruto de uma estrutura militar muito forte mantida nos tempos de paz que causou uma grande dificuldade de renovação dos quadros e das ideias. Os oficiais desocupados inventavam formulários e passos desnecessários na cadeia de comando para que parecessem úteis em tempos de paz. Até mesmo a disseminação de informação básica sobre o inimigo encontrava entraves burocráticos, como atestam os inúmeros exemplos do testemunho de Bloch.

A Escola de Guerra, formadora desses oficiais, continua o historiador, estava repleta de homens que serviram muito bem na guerra anterior, mas estavam engessados com a mentalidade de um tempo em que a velocidade era outra e as distâncias pareciam enormes. E mais, a presença afetiva de 1914-1918 era ainda muito forte, principalmente entre os mais velhos. Ao mesmo tempo, a

escola selecionava os melhores alunos, isto é, os que menos desafiavam os paradigmas, para ocuparem os postos mais importantes. Além disso, fora dos quadros de veteranos da guerra anterior, uma tradição de formação de oficiais que nunca estiveram no campo de batalha fazia com que as ordens dos gabinetes fossem distantes da realidade executável no *front*, onde as ideias que tinham sobre a guerra estavam sendo, a cada momento, derrubadas pelos acontecimentos. Em uma reflexão sobre sua própria atividade, Bloch afirma que as palavras dos pedagogos militares estavam cada vez mais distantes das coisas.

Nas escolas dos tempos de paz nos habituamos a confiar excessivamente no exercício de manobra, nas teorias táticas, na papelada, ou, em poucas palavras, nos habituamos a nos convencer, inconscientemente, de que tudo se passaria conforme o escrito. Quando os alemães se recusaram a jogar seu jogo segundo as regras da Escola de Guerra, ficamos tão desamparados quanto um mau orador diante de uma questão para a qual sua função não lhe fornece a réplica adequada (BLOCH 2011, p. 109).

Ele chama atenção até mesmo para a rede de intrigas e o clientelismo presente no meio militar, fortemente marcado por ambições pessoais que muitas vezes impediam uma visão crítica do que estava acontecendo.

A não compreensão da guerra, porém, não foi um atributo exclusivo do comando militar, mas sim da França como um todo. Havia um “ambiente psicológico geral” (BLOCH 2011, p. 117) que foi responsável por essa derrota, e é sobre isso que Bloch disserta no capítulo intitulado *Exame de consciência de um francês*. Mesmo com os avisos claros e violentíssimos da Guerra Civil Espanhola e da invasão da Polônia, os franceses não aceitaram que nesta guerra a separação entre o front e a população civil seria quase inexistente, e exigiria uma mobilização *total* da nação. Todo o céu, com os bombardeios aéreos, tornara-se ameaçador, e os tanques engoliram as distâncias; o ambiente era absolutamente diferente dos campos tranquilos que se estendiam apenas alguns quilômetros por detrás das antigas trincheiras de 1914. Não houve mobilização total, e o recrutamento que ocorreu foi ineficiente, graças a essa não compreensão da dimensão da guerra.

Bloch tece críticas a todos os setores. Aos líderes políticos e à imprensa, por não terem ajudado a nação a compreender o perigo, pois eles mesmos não o haviam compreendido; à burguesia, por não ter feito a sua parte na resistência ao julgar preconceituosamente que a classe trabalhadora seria incapaz de resistir, e por lidar primeiro com seus próprios interesses imediatos, em detrimento da defesa da nação; à classe trabalhadora também por preocupar-se com interesses imediatos que deveriam ser temporariamente abandonados, como as greves por aumento de salários e o marasmo do funcionalismo público. Bloch os acusa de manter uma atitude pequeno-burguesa.

A crítica se estende aos partidos políticos tanto de esquerda quanto de direita. Em suma, faltou espírito de sacrifício. Falta essa sustentada, pelo lado dos socialistas, por exemplo, por um discurso internacionalista que não conseguia perceber a ameaça do fascismo de forma clara. Esquecia-se que esta guerra não era uma guerra de agressão do Estado francês, mas uma

guerra de defesa na qual a derrota significaria, exatamente, o fim destes mesmos partidos e organizações de trabalhadores, que sucumbiriam completamente diante do jugo nazista.

Finalmente, critica a própria classe intelectual: “tínhamos uma língua, uma pena, um cérebro. Adeptos da ciência do homem ou sábios de laboratórios, talvez tenhamos nos afastado da ação individual por uma espécie de fatalismo inerente à prática de nossas disciplinas” (BLOCH 2011, p. 155). Faltou aos intelectuais um esforço para inserir “um novo grão de fermento na mentalidade comum” (BLOCH 2011, p. 156), seja no sentido de chamar atenção para a nova velocidade da guerra, ou para o perigo real que o nazismo representava.

Com tudo isso, a derrota da França não se explica somente por questões técnicas, como se pode pensar no começo. Na verdade, sugere Bloch desde o início, é preciso procurar causas mais profundas. Assim, se foi por dominar uma técnica de guerra diferente que os alemães venceram de maneira tão contundente, foi preciso perguntar por que os franceses não entenderam essa situação. É isso que o historiador responde, tratando de uma mentalidade que, dentre outras coisas, pretendeu reproduzir, contra toda a realidade, a guerra de 1914 em 1940.¹

Em meio a essa discussão revela-se o historiador. Em certo sentido, diz Bloch em uma passagem que me parece das mais ricas do livro, essa derrota é fruto de uma concepção equivocada de história. Enquanto se sentiam enganados pela história, os franceses deixaram de compreender que ela “é, por essência, a ciência da mudança” (BLOCH 2011, p. 110). O erro fundamental foi esperar uma repetição. Embora considere estruturas de longa duração, elementos que ao longo do tempo se mantém semelhantes, a história parte do princípio de que são quase infinitas as combinações possíveis dos eventos e seus desdobramentos. É necessário um estudo das mudanças, rápidas e lentas, para que a história possa lançar alguma luz sobre o futuro, e não esperar nesse futuro uma repetição. “O historiador [...] sabe muito bem que se no intervalo de duas guerras seguidas a estrutura social, as técnicas, a mentalidade se modificaram, as duas guerras jamais serão iguais” (BLOCH 2011, p. 111).

Bloch, escrevendo ainda no calor da catástrofe, nos oferece um testemunho de grande valia. Um testemunho crítico que, enquanto realizado a partir dos acontecimentos presentes, permite uma reflexão sugestiva sobre o que é a história e sobre como uma análise do presente pode e deve levar em conta uma concepção de tempo histórico. Ele se coloca como um historiador do imediato, isto é, uma testemunha que, ao observar o seu próprio tempo, não abandona as questões típicas da sua atividade de historiador, como as mentalidades e as causas profundas, fornecendo para os colegas da posteridade uma fonte valiosa para o entendimento daquele tempo, além de uma questão relacionada à crítica de fontes: afinal, como tratar um testemunho construído por e como um historiador?

¹ Ao apostar, por exemplo, em defesas estáticas ao longo do rio Meuse, que logo caiu e permitiu que os alemães cercassem o exército norte francês. A demora do comando em perceber o significado da queda do Meuse, tida como fortaleza quase intransponível, aparece, segundo Bloch, como outra evidência da não compreensão da nova guerra.

O livro nos traz, portanto, um tema que parece dominar as grandes mentes através dos séculos: a preocupação com o seu próprio tempo. O historiador não é apenas um sujeito enfurnado em arquivos atrás de documentos de várias épocas, mas alguém que, por ter uma preocupação constante com um tempo histórico e seu significado, interessa-se fundamentalmente pela vida (BLOCH 2011, p. 11).

Foi talvez com esse interesse pela vida e consciente da destruição vital causada pelo nazismo, que Bloch se juntou à Resistência em 1943, como nos conta a nota biográfica no final da edição. Ele foi preso pela Gestapo em março de 1944 e fuzilado no dia 16 de junho, à beira de um campo em Saint-Didier-de-Formans, deixando incompleta a obra *O ofício do historiador*.